

## CORPO E FEMINILIDADE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS JOGADORAS DE RUGBY BRASILEIRAS

**Marco Bettine<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo  
São Paulo, SP, Brasil

**Diego Monteiro Gutierrez<sup>2</sup>**

Universidade de São Paulo  
São Paulo, SP, Brasil

**Alua Oliveira<sup>3</sup>**

Universidade de São Paulo  
São Paulo, SP, Brasil

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir, através de uma série de entrevistas realizadas com as jogadoras que participam das competições de elite do rugby feminino, a forma como as atletas entendem a sua prática em uma modalidade pouco conhecida do público em geral e considerada pela sociedade uma prática violenta e com valores atrelados à masculinidade heteronormativa e como, a partir dessa vivência, elas lidam com a própria sexualidade e com as diferentes interpretações que a sociedade faz delas, a partir da ótica da terceira onda do feminismo. Constatamos que as participantes consideram que cada mulher é livre para construir sua própria identidade, optando ou não por seguir os valores atrelados pela sociedade. Apesar disso as praticantes, para iniciar a prática e mantê-la, ainda encontram resistência da sociedade e da própria família.

**Palavras-chave:** Feminismo. Rugby. Sociologia.

---

<sup>1</sup> Professor Livre Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: marcobettine@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: diegomonteirogutierrez@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de Educação Física e Saúde da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: alua.oliveira@usp.br

## BODY AND FEMININITY FROM THE EXPERIENCE OF BRAZILIAN RUGBY PLAYERS

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to discuss, through a series of interviews with rugby players participating in the elite competitions of the sport, how they understand their practice in a modality little known to the general public and considered by society as a practice violence and with values linked to masculinity and how, from this experience, they deal with their own sexuality and with the different interpretations that society makes of them, from the perspective of the third wave of feminism. We find that the participants consider that each woman is free to build her own identity, choosing whether or not to follow the values linked by society. In spite of this, practitioners, in order to begin the practice and maintain it, still find resistance from society and from the family itself.

**Keywords:** Feminism. Rugby. Sociology.

## CUERPO Y FEMINIDAD A PARTIR DE LA EXPERIENCIA DE LAS JUGADORAS DE RUGBY BRASILEÑAS

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es discutir, a través de una serie de entrevistas realizadas con jugadoras de rugby que participan en las competiciones de élite de la modalidad, la forma como ellas entienden su práctica en una modalidad poco conocida del público en general y considerada por la sociedad una práctica violenta y con valores vinculados a la masculinidad y cómo, a partir de esa vivencia tratan con la propia sexualidad y con las diferentes interpretaciones que la sociedad hace de ellas, a partir de la óptica de la tercera ola del feminismo. Constatamos que las participantes consideran que cada mujer es libre para construir su propia identidad, optando o no por seguir los valores vinculados por la sociedad. A pesar de ello, las practicantes, para iniciar la práctica y mantenerla, aún encuentran resistencia de la sociedad y de la propia familia.

**Palabras-clave:** Feminismo. Rugby. Sociología.

## Introdução

Nesse artigo entrevistamos 15 atletas que participaram de uma etapa do Super Sevens Feminino 2016, campeonato mais importante do Rugby feminino brasileiro, buscando entender como elas interpretam a sua participação em uma modalidade pouco conhecida no país e com valores atrelados à masculinidade heteronormativa, focando nas possíveis barreiras que elas enfrentam para iniciar e continuar a sua prática assim como as transformações que o envolvimento com a modalidade acarretou em outros aspectos da vida cotidiana.

A participação feminina na arena esportiva sempre encontrou grande resistência de diversos setores da sociedade, sendo necessárias várias décadas de lutas para que a prática esportiva pudesse ser vista como um direito de todos independente do gênero, idade, opção sexual e limitações físicas. Apesar da evolução, o esporte feminino ainda enfrenta diversas barreiras como o preconceito, menor interesse da mídia e dos patrocinadores.

No caso do Rugby essa relação pode ser considerada ainda mais problemática. A modalidade devido à sua intensidade física, está relacionada com a heteronormatividade e nos países onde é uma modalidade de massas, considerada um veículo para transmissão dos valores masculinos aos praticantes (DUNNING e SHEARD, 1979).

No Brasil o Rugby é praticado há mais de 100 anos, e mesmo não sendo muito conhecido, a modalidade conta com um núcleo bastante dedicado de praticantes. No caso do feminino a modalidade chegou de maneira concomitante com o resto do mundo, com os primeiros campeonatos organizados a partir do início dos anos 90 do século passado (ALMEIDA, 2008).

A experiência das atletas brasileiras traz uma série de elementos interessantes para entendermos como se dá a introdução das mulheres nesse tipo de modalidade e como elas lidam com o preconceito e as contradições que ocorrem ao praticar uma modalidade considerada violenta e masculina.

### Gênero e esporte

O feminismo e a forma de se entender as lutas das mulheres na sociedade passou por diversas transformações durante o tempo, com diferentes enfoques e interpretações, sendo que uma das formas de entender essas transformações e os novos objetivos é através das ondas do feminismo, que divide os movimentos feministas em três grandes ondas, a primeira do início do século XX até os anos 50, a segunda dos anos 50 até os anos 90 e a terceira atualmente (HEMMINGS, 2005).

A primeira onda, que não se auto definiu dessa maneira, discutiu as questões legais, como, direito ao voto, o acesso à universidade e a independência jurídica. As mudanças sociais, e a conquista de direitos levaram a uma revisão e o estabelecimento de novos parâmetros dentro do movimento feminista, que criou a noção de ondas, com diversas feministas se referindo ao feminismo de segunda onda a partir do final dos anos 60 (HENRY, 2004).

O movimento feminista a partir dos anos 60 trabalhou para a desconstrução dos papéis de gênero na sociedade buscando tanto a igualdade material quanto a imaterial, lutando nos mais diversos campos da vida profissional e pessoal. Nesse ambiente qualquer sinal de fraqueza, ou de conformidade com os papéis de gênero tradicionais é visto como uma falha, uma atitude a ser desconstruída (BURSTYN, 1999).

Esse movimento, porém, não iria se desenvolver sem dissidências sendo que a principal delas iria girar em torno da representação das minorias, com diversas críticas de que o movimento era focado nas demandas das mulheres brancas de classe média, não levando em conta os conflitos e direitos das minorias raciais, dos LGBTQs e dos conflitos de classe (AWATERE, 1984; MANN e HUFFMAN, 2005). Outro elemento fundamental na dissidência da segunda onda e na formação da terceira será a questão geracional, com uma nova leva de mulheres entrando no movimento e buscando participação (PARKINS, 1999).

As próprias conquistas dos movimentos feministas contribuíram para formar e moldar a nova geração (HEYWOOD e DWORKIN, 2003). Criadas em um mundo onde muitas barreiras à atuação das mulheres foram derrubadas, com o debate sobre gênero sendo discutido mais abertamente e vendo as mulheres conseguindo cada vez maior destaque nos mais diversos campos, a geração da terceira onda, que começa a tomar forma no final dos anos 80, terá dificuldade para se relacionar com diversas pautas do movimento feminista de segunda onda, entendendo a luta das mulheres e a sua atuação na sociedade de uma forma diferente, e em muitos aspectos conflitantes.

O feminismo de terceira onda começará a ser debatido a partir de meados dos anos 80, iniciando uma ruptura com as gerações anteriores, em um embate onde os dois lados muitas vezes têm dificuldades de se compreender, principalmente com diversas lideranças feministas entendendo que a nova geração acabou por abandonar as bandeiras da geração anterior (PRESTON, 2001; RAPPING, 2000).

A terceira onda irá se diferenciar principalmente na forma como lida com a contradição. A segunda onda, na visão da nova geração agiu de maneira muito binária, colando em oposição masculino e feminino, forte e fraco, delicado e bruto. Na terceira onda a contradição será vista como parte natural da sociedade, algo naturalizado. Essa nova abordagem irá entender que é

perfeitamente possível aspectos opostos conviverem na mesma pessoa e que cada um é livre para formar sua própria noção do que é ser mulher e de como lidar com o seu dia a dia, não ficando presa a padrões pré-estabelecidos (CHANANIE-HILL; WALDRON; UMSTED, 2012; HEYWOOD e DRAKE 1997; BAUMGARDNER e RICHARDS, 2000).

Nesse sentido o novo movimento não irá entender como uma contradição ser feminina e atuar em um corpo considerado prioritariamente masculino, contradições que são celebradas e naturalizadas pela nova geração (DRISCOLL, 2002). não tem nas referências Um debate que pode ser ampliado para outras áreas, como o esporte.

O esporte construiu-se com valores heteronormativos, sendo que separou dentro das modalidades aquelas que se encaixavam ao espírito feminino (como as ginásticas, vôlei e handball) de um lado, e de outro, à força do macho (como o atletismo, futebol e lutas) (CAHN, 1994; HARGREAVES, 2002). Nesse ambiente, a participação feminina fora dos locais determinados gerou conflitos de gênero. Portanto, cada onda do feminismo encarou estas barreiras de maneira distinta. A primeira onda lutou pelos direitos de praticar. A segunda lutou contra os estereótipos heteronormativos e a terceira onda naturalizou alguns preconceitos e relativizou as bandeiras da segunda onda (HORKY, NIELAND, 2013).

Na visão da segunda onda a prática esportiva é um ato de resistência e qualquer tipo de atitude que desvie o foco da prática esportiva deve ser combatido. Nesse sentido atletas que além dos seus feitos esportivos valorizam a sua beleza, destacando o seu lado considerado feminino para ganhar destaque são vistas com muita desconfiança (DRAPE, 2004).

Diversos trabalhos têm relacionado a prática esportiva com o feminismo de terceira onda destacando como as mulheres em mais diversas modalidades estão construindo a sua própria prática a partir da sua noção particular de mundo, sem se prender a antigos padrões e estereótipos e em muitos casos subvertendo as expectativas colocadas nelas (KEARNEY, 2011; BEAVER, 2016; BRUCE, 2016; THORPE, 2008; POMERANTZ, CURRIE e KELLY, 2004).

O Rugby apresentou diversas barreiras para a entrada feminina. A modalidade, principalmente nos países onde é mais popular sempre esteve atrelada à masculinidade. A natureza física do jogo se mostrou um terreno apropriado para a transmissão dos valores considerados essenciais para os homens, a resistência à dor, dedicação, força física e superação dos limites, assim como o companheirismo e o trabalho em equipe, (CHANDLER e NAURIGHT, 1999; DUNNING e SHEARD, 1979). Esse ambiente sempre apresentou uma série de barreiras à participação feminina, restrita na maior parte das vezes à figura da mãe ou da amante eventual (SAOUTER, 2003).

Nesse ambiente a modalidade feminina surgiria apenas no início dos anos 80

(HARGREAVES, 2002), com grande atraso em relação às práticas similares como o basquete e o futebol, mesmo assim encontrando grande resistência da sociedade e dos participantes já estabelecidos na modalidade.

Destes questionamentos e conflitos dentro da modalidade e da terceira onda feminista que fomos a campo perguntar para as praticantes de rugby no Brasil como elas vêm sua prática, sua feminilidade e sua luta como mulher em um local dominado por homens.

Utilizamos a entrevista semiestruturadas (BONI e QUARESMA, 2005). Elas foram realizadas durante a terceira etapa do campeonato brasileiro feminino, o Super Sevens, competição mais importante da temporada de rugby feminino reunindo as melhores equipes e atletas<sup>4</sup>.

A entrevista contou com duas partes principais, uma objetiva e outra a respeito da opinião da atleta sobre diversos assuntos. Na primeira as atletas falaram sua idade, há quanto tempo praticam a modalidade, como foi que foram apresentadas ao rugby, e se já praticavam esportes antes. Na segunda parte a conversa foi construída a partir de quatro tópicos: (a) O que a levou praticar a modalidade. (b) Se elas sofreram preconceito ou sentem pressão para largar a modalidade. (c) Se a prática alterou seu corpo e como elas entendem essas possíveis alterações. (d) Como elas relacionam a prática com a sua feminilidade e se a prática alterou a sua forma de ser mulher.

	Idade	Tempo que joga (anos)	Quem apresentou o esporte	Praticava atividade física antes	Amadora \ Profissional <sup>5</sup>
A <sup>6</sup>	29	3	Amigas	Sim	Amadora
B	33	3	Amigas	Sim	Amadora
C	25	9 meses	Amigas	Sim	Amadora
D	19	8	Escola\Amigas	Sim	Amadora
E	20	7	Escola\Amigas	Sim	Amadora
F	17	1,5	Escola	Sim	Amadora
G	19	5	Escola	Sim	Amadora
H	30	17	Família	Sim	Profissional
I	26	4	Namorado	Sim	Amadora

<sup>4</sup> O Super Sevens em 2016 foi disputado em quatro etapas, durando um fim de semana cada uma. A competição contou com a participação de 16 equipes em cada etapa. A pesquisa foi realizada durante a terceira etapa, disputada nos dias 22 e 23 de outubro de 2016, na cidade de São Paulo. As atletas foram escolhidas de maneira aleatória e por disponibilidade, sendo gravadas com o consentimento dos sujeitos e a garantia de que seriam anônimas e posteriormente transcritas e analisadas. Entrevistamos 15 atletas (das 192 inscritas) de seis equipes de quatro estados diferentes (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Piauí).

<sup>5</sup> As atletas brasileiras são, em sua enorme maioria amadoras, com exceção das jogadoras da seleção brasileira, que são profissionalizadas.

<sup>6</sup> Pela necessidade de se manter as entrevistas anônimas optamos por trocar o nome de cada entrevistada por uma letra, indo de A a O, que será usada durante o artigo para designar cada uma das entrevistadas.

J	28	6	Amigas	Sim	Amadora
K	31	17	Amigas	Sim	Amadora
L	21	3	Amigas	Sim	Profissional
M	24	4	Amigas	Sim	Amadora
N	25	6	Amigas	Sim	Amadora
O	20	3	Televisão/Amigas	Sim	Amadora

### Terceira Onda e o Rugby Feminino

As entrevistas resultaram em um grupo bastante diversificado de jogadoras, representando a própria variedade de participantes, com idades variando de 17 a 33 anos e de apenas um ano de prática a mais de 17, sendo que em média as atletas possuem 24 anos e 5.9 anos de prática, resultado semelhante a um estudo mais amplo realizado com as jogadoras da divisão de elite da França que constatou que a jogadora francesa da primeira divisão tem, em média 25 anos e que começou a prática entre 16 e 20 anos (JONCHERAY e TLILI, 2013). Porém convém destacar que a grande amplitude do tempo de prática das jogadoras torna difícil qualquer tipo de comparação direta ou com atletas de outros países.

Na forma de introdução ao esporte pudemos notar a centralidade do papel da amizade, a maioria das entrevistadas foi assertiva em definir que, mesmo tendo conhecimento da modalidade por outros canais, o convite de uma amiga próxima foi o fator fundamental para iniciar a prática, sendo que apenas em dois casos as entrevistadas não declaram começar a jogar por influência de algum conhecido.

Outro aspecto interessante é o fato de todas as entrevistadas relatarem algum tipo de atividade física anterior. Os trabalhos realizados no exterior, analisando o perfil das jogadoras da primeira divisão francesa (JONCHERAY e TLILI, 2013) e das atletas da seleção neozelandesa (CHU *et al.*, 2003) encontram dados similares, com as jogadoras, mesmo em termos de seleção, iniciando a prática tarde, após se envolverem em outros esportes, com uma grande diversidade de atividades anteriores.

A diferença fica por conta da forma como elas são iniciadas no Brasil, as amigas são os grandes motores para se iniciar a prática, enquanto na França e na Nova Zelândia a família é o elemento fundamental de contato com a modalidade. Em um lugar onde é comum a prática por parte dos homens, as mulheres acabam por ter o primeiro contato, mesmo que de maneira indireta, a partir da experiência de pais e irmãos. (JONCHERAY e TLILI, 2013, CHU *et al.*, 2003).

A maioria das atletas entrevistadas destacou os valores do rugby como o fator mais importante para escolherem continuar jogando, sendo muito destacado o companheirismo entre os praticantes, mesmo que em equipes diferentes, resultado similar aos encontrados na divisão

de elite francesa, com mais de 90% das atletas colocando o espírito de equipe como o fato principal para continuarem jogando (JONCHERAY e TLILI, 2013)

Muitos trabalhos constataram que a cultura do rugby feminino de elite é muito semelhante com a da modalidade masculina (CARLE e NAURIGHT, 1999; WHEATLEY, 1994; WRIGHT e CLARKE, 1999) assim como as poucas pesquisas feitas com jogadoras brasileiras (ALMEIDA, 2008) mostram que os valores do rugby são assimilados em sua totalidade pelas jogadoras.

Diversos trabalhos relacionam os valores do rugby com a masculinidade hegemônica, que deveria ser assimilada pelos garotos através da prática (CHANDLER e NAURIGHT, 1999; DUNNING e SHEARD, 1979) o que de certa maneira impediria a participação feminina (SAOUTER, 2003). As atletas entrevistadas, aparentemente, assimilam os valores da modalidade sem problematizá-los. Elas não entendem esse conjunto de práticas como exclusivas do universo masculino, mas como valores universais.

Esse ponto levanta uma questão interessante. Desde a criação do rugby feminino nos anos 80 os valores da modalidade, considerados masculinos, foram assimilados pelo feminino sem nenhuma problematização, isso poderia se dar, analisando de uma maneira embrionária, porque as mulheres interpretam esses valores de uma maneira diferente da vista pelos homens, ou, talvez, esses valores, com o passar do tempo, tenham se tornado qualidades também consideradas desejáveis pelas mulheres.

Quando confrontadas com perguntas em relação ao possível preconceito, derivado principalmente do fato dessa ser considerada uma modalidade masculina, as atletas afirmam que ele existe e que ainda encontram muita resistência à prática.

“Quando você fala que joga rugby as pessoas falam - você é louca, esse é um esporte de macho” (C), principalmente no caso das atletas mais novas, que precisam da permissão dos pais ou responsáveis. “A primeira vez que quis praticar o esporte meu pai proibiu, disse que era um esporte de menino e que eu devia ficar em casa ajudando minha mãe” (G). As atletas, porém, não colocam o preconceito como um elemento de grande preocupação ou causador de grandes problemas, algumas até se divertem com esse tipo de estereótipos atrelados à modalidade. “Eu adoro quando as pessoas do meu trabalho falam que ela joga rugby, então impõe respeito, não mexe com ela” (J). “As pessoas dizem que é esporte de sapatão, bem, no meu caso, é verdade” (A).

As atletas destacam que a maior resistência à prática da modalidade não vem do preconceito, mas do perigo de lesão, principalmente por parte dos familiares. Um resultado similar a das atletas francesas, que também colocaram o perigo de lesão como o maior fator de resistência e a maior razão de terem deixado a modalidade (JONCHERAY e TLILI, 2013).

A falta de incentivo para as modalidades femininas é um problema presente em todas as modalidades, com as atletas recebendo menos atenção da mídia e menos recursos das suas confederações. “Algumas pessoas falam, que existe rugby e existe rugby feminino”(K). Esse é um sentimento compartilhado pelas atletas como um todo, com a maior parte dos recursos sendo direcionados para o masculino. No caso específico do rugby brasileiro essas demandas terão um formato diferente, sendo entendido pelas atletas que por ser mais competitivo na arena internacional, do que o masculino, o rugby feminino teria direito a uma parte maior dos recursos. “Os caras olhavam e falavam, ‘nossa, essas mulheres jogando’, e hoje a gente fala que essas mulheres jogam, foram 11 vezes campeãs sul-americanas e ficaram na frente de vocês nas olimpíadas” (K).

A parte final das entrevistas foi construída em torno de dois tópicos principais, como as atletas entendiam as transformações que a prática da modalidade trouxe para seus corpos e se ao estarem envolvidas em uma atividade considerada como masculina elas adquiririam hábitos diferentes, mais femininos ou masculinos na visão delas. As respostas mostraram uma convergência entre as praticantes que foi a não preocupação com este tópico. Ao discutirem as transformações sofridas pelo corpo, e as formas como elas encaravam essas transformações, as atletas mostraram pouca preocupação com esse tópico. As atletas relataram que já receberam críticas, principalmente por parte de familiares que estariam ficando com um corpo masculino. “Minha mãe diz que estou ficando com os ombros largos e um corpo de homem, e eu penso obrigada mãe, é para isso que estou treinando” (G). Porém, na visão delas, as eventuais transformações do corpo não estão atreladas a uma dualidade feminina e masculina, mas sim à melhora do rendimento esportivo. O corpo que se busca é aquele que melhor se adapta à modalidade.

As atletas adotam uma visão instrumental do corpo, nesse sentido, todos os corpos seriam femininos e a mulher livre para ter o corpo que bem entende, e as possíveis transformações como consequência da busca de um melhor rendimento esportivo. Foram encontradas respostas semelhantes em um estudo com jogadoras de rugby do interior de Minas Gerais (PACHECO, 2014). O corpo feminino no esporte é tema de diversos estudos, no rugby (CHASE, 2006) ou em outras modalidades (ADELMAN, 2003; MESSNER, 2007 e DWORKIN e MESSNER, 2002), sendo discutidos como objeto de grande pressão e contradição, sujeito a diversas forças que por vezes o transformam em local de resistência ou docilidade, condição que as atletas entrevistadas não problematizaram.

É importante, porém, fazer uma ressalva. A modalidade sevens, disputada no Brasil, por contar com menos atletas, sete de cada lado jogando em um campo de futebol oficial,

privilegia a velocidade, a resistência e a agilidade, tendo os atletas profissionais um tipo físico semelhante aos atletas de futebol. Sendo que para as mulheres o tipo físico ideal do esporte não se afasta muito dos padrões sociais considerados femininos. Podemos compreender como essa sendo uma das razões para que as atletas entrevistadas não coloquem as transformações do corpo como um elemento importante, caso a pesquisa tivesse sido feita com atletas da modalidade XV, que são maiores e mais pesadas, a relação poderia se dar de outra maneira.

Ao questionarmos sobre a prática do rugby e a alteração dos hábitos, as atletas são unânimes em dizer que a modalidade é apenas uma parte de suas vidas. “Esporte é para todos, não tem essa de masculino e feminino” (A), as atletas entendem que a sua participação no rugby não se dá em uma oposição entre masculino e feminino. Elas afirmam que não se pode definir uma pessoa apenas por um aspecto da sua vida.

Acho que cada um tem seu estilo, acho que você começa a jogar rugby, e pensa aí vou mudar meu estilo, mas se você gosta de fazer tal coisa você continua fazendo, só que quando você veste seu uniforme você pode se transformar em outra pessoa. No campo você é de um jeito fora dele outro, é legal às vezes você vê as pessoas fora de campo e não reconhece. Quando a gente veste a armadura você se transforma porque você está ali por você e por todo mundo do seu time e pode ficar descabelada, toda desfeita, e depois tem meninas que fazem questão de estar toda arrumada, eu acho isso muito divertido (K).

As atletas são enfáticas em dizer que cada mulher é livre para agir da forma que melhor entender e que a construção de feminilidade vem de cada uma, sendo todas as formas de expressão válidas e não necessariamente contraditórias, com cada pessoa tendo seu próprio estilo. Se durante o jogo de rugby as atletas agem de uma maneira, fora dele elas podem agir de outra. Sendo que em mais de um caso as entrevistadas destacaram que achavam essa uma contradição interessante, e de certa forma natural, entre atletas que se portam de uma maneira em campo e de forma totalmente oposta fora dele. “Acho que o esporte não muda, ele acrescenta” (K), resposta semelhante à encontrada com jogadoras de elite francesas (JONCHERAY, LEVEL e RICHARD, 2016)

Sendo assim a prática do rugby não é entendida como algo contraditório, e possivelmente problemático, mas sim como uma parte da vida de cada uma, sendo a maneira de vestir ou agir nos diferentes momentos uma opção que cada atleta é livre para assumir.

As atletas, nesse sentido, não relatam uma pressão para modificar seu comportamento devido ao fato de praticarem uma determinada modalidade, sendo esse na verdade apenas mais um aspecto de suas vidas. Este é um resultado interessante, que difere das conclusões tiradas em outros trabalhos que tratam sobre a participação feminina em esportes associados à

masculinidade, onde as atletas relatam um incômodo e uma pressão social para ajustarem seu comportamento (CHASE, 2006; HALBERT, 1997; SCRATON *et al.*, 1999) ou uma atitude apologética em que as atletas sentem pressão para adotar comportamentos femininos para se distanciar das noções de que o esporte estaria atrelado à masculinidade e à homossexualidade (HARDY, 2015; COX e THOMPSON 2000; EZZELL, 2009).

Analisando as entrevistas como um todo, notamos que as atletas tendem a se alinhar com as noções do feminismo de terceira onda, nesse sentido elas não entendem, como muitos trabalhos acadêmicos descrevem, a prática como contraditória focando, como no feminismo de segunda onda, nas oposições, valores femininos e masculinos, feminilidade e masculinidade, corpo feminino e corpo masculino, resistência e opressão.

Seguindo muito das ideias do feminismo da terceira onda as atletas estão sempre à vontade com as contradições, nesse sentido o rugby se torna apenas um aspecto da vida das atletas. Se, em campo, a atleta tem de se portar de acordo com as regras da modalidade exercendo as funções inerentes à prática, fora dele ela pode ser portar como bem entender e da forma como considerar mais adequada, as atletas entendem essa diversidade de comportamento como algo natural e desejável, uma atitude relacionada também aos valores da modalidade, vista pelos participantes como uma atividade para todos os tipos de pessoa.

As atletas também não entendem que a prática transformou suas atitudes, ou seus corpos, a mudança é entendida pelas atletas como uma opção pessoal, caso a atleta decida moldar suas atitudes a partir da prática do rugby ela é livre para fazê-lo, mas também é livre para não mudar, ou mudar por outras razões.

A mulher, da forma como foi descrito pelas atletas, é livre para viver a sua vida como bem entender e também para agir de diferentes maneiras em diferentes situações, não existindo uma contradição em ser agressiva dentro de campo e superfeminina fora dele, assim como também não existe um problema em adotar uma postura considerada masculina em outros aspectos da vida. Nesse sentido elas interpretam que cada mulher constrói a sua própria feminilidade, sendo esta múltipla e sempre legítima.

### **Considerações**

Nesse artigo realizamos 15 entrevistas com as atletas de rugby feminino, com o objetivo de entender como elas interpretavam a sua participação em uma modalidade pouco conhecida no país e atrelada a valores heteronormativos.

Interpretamos as respostas a partir das questões debatidas pelas feministas de terceira onda, e, nesse sentido, notamos uma similaridade entre as repostas das jogadoras e a forma

como as feministas tratam as mais diversas questões. Como por exemplo, notamos que as atletas não sentem uma contradição inerente à prática. Apesar do preconceito, não consideram este um tema que influencia sua prática, nem uma fonte de angústia cotidiana. As atletas, talvez por serem um grupo mais jovem, possuem visões muito similares às noções defendidas pelas feministas de terceira onda. A prática do rugby não representa uma atitude combativa, nem carrega nenhuma contradição, sendo que qualquer mulher é livre para escolher a modalidade que mais a agrada. As atletas consideram que cada mulher é livre para construir sua própria feminilidade, e que isso pode ser feito a partir do rugby, ou não. A prática não alterou a forma da atleta se portar na sociedade, sendo considerada apenas uma parte de suas vidas. O fato de uma atleta ser agressiva e física dentro de campo não necessariamente reflete as atitudes delas em outras situações da sua vida.

## REFERÊNCIAS

- ALDEMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, v.11, n.2, p.445-465, julho-dezembro/2003.
- ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. **Fortes, aguerridas e femininas**: olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre. 140 f. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- AWATERE, Donna. **Maori sovereignty**. Auckland: Broadsheet, 1984.
- BAUMGARDNER, Jennifer; RICHARDS, Amy. **Manifesta**: Young women, feminism and the future. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2000.
- BEAVER, Travis D. Roller derby uniforms: The pleasures and dilemmas of sexualized attire. **International Review for the Sociology of Sport**, v.51, n.6, p.639-657, 2016.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BRUCE, Toni. New rules for new times: Sportswomen and media representation in the third wave. **Sex Roles**, v.74, n.7-8, p.361-376, 2016.
- BURSTYN, Varda. **The rites of men**: manhood, politics, and the culture of sport. Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- CAHN, Susan K. **Coming on Strong**: gender and sexuality in Twentieth-Century Women's Sport. New York: Free Press, 1994.
- CARLE, Alison; NAURIGHT, John. **Crossing the line**: women playing rugby union. London: Frank Cass, 1999.

CHANANIE-HILL, Ruth A; WALDRON, Jennifer J; UMSTED, Natalia K. Third-wave agenda: Women's flat-track roller derby. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, v. 21, p.33-49, 2012.

CHANDLER, Timothy; NAURIGHT, John. **Making the rugby world: race, gender and commerce**. Portland: Frank Cass, 1999.

CHASE, Laura C. (Un)Disciplined Bodies: a Foucauldian Analysis of Women's Rugby. **Sociology of Sport Journal**, v. 23 n.3, p.229-247, 2006.

CHU, Michael M L; LEBERMAN, Sarah I; HOWE, Bruce L; BACHOR, Dan G. The Black Ferns: the experiences of New Zealand's elite women rugby players. **Journal of Sport Behavior**, v. 26, n. 2, p.109-120, 2003.

COX, Barbara; THOMPSON, Shona. Multiple Bodies: sportswomen, soccer and sexuality. **International Review for the Sociology of Sport**, v.35, n.1, p.5-20, 2000.

DRAPE, Joe. Olympians strike pinup pose, and avoid setting off a fuss. **The New York Times**, Nova York, 12/08/2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/08/12/sports/lots-of-skin-but-not-much-fuss-as-olympians-strike-pinup-pose.html>. Acessado em 27 jun.2017.

DRISCOLL, Catherine. **Girls: Feminine adolescence in popular culture and cultural theory**. New York: Columbia University Press, 2002.

DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarians, gentleman, and players**. Oxford: M. Robertson, 1979.

DWORKIN, Shari L and MESSNER, Michael. **Just do...what? Sport, bodies, gender**. London: Routledge, 2002.

EZZEL, Matthew B. 'Barbie Dolls' on the Pitch: identity work, defensive othering, and inequality in women's rugby. **Social Problems**, v.56, n.1, p.111-131, 2009.

HALBERT, Christy. Tough enough and woman enough: stereotypes, discrimination, and impression management among women professional boxers. **Journal of Sport and Social Issues**, v.21, n.1, p.7-36, 1997.

HARDY, Elizabeth. The female 'apologetic'behaviour within Canadian women's rugby: athlete perceptions and media influences. **Sport in Society**, v. 18, n. 2, p. 155-167, 2015.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females: critical issues in the history and sociology of women's sport**. Nova York: Routledge, 2002.

HEMMINGS, Clare. Telling Feminist Stories. **Feminist Theory**, v.6, n.2, p.115-139, 2005.

HENRY, Astrid. **Not My Mother's Sister: generational conflict and third-wave feminism**. Indiana: Indiana University Press, 2004.

HEYWOOD, Leslie; DRAKE, Jennifer. **Third-wave agenda**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

HEYWOOD, Leslie; DWORKIN, Shari L. **Built to win: the female athlete as cultural icon.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

HORKY, Thomas; NIELAND, Jorg-uwe. Comparing Sports Reporting from around the World—Numbers and Facts on Sports in Daily Newspapers. **International Sports Press Survey**, v. 5, 2013.

JONCHERAY, Helene; LEVEL, Marie; RICHARD, Remi. Identity socialization and construction within the French national rugby union women's team. **International Review for the Sociology of Sport**, v.51, n.2, p.162-177, 2016.

JONCHERAY, Helene; TLILI, Haïfa. Are there still social barriers to women's rugby?. **Sport in Society**, v. 16, n. 6, p. 772-788, 2013.

KEARNEY, Mary Celeste. Tough girls in a rough game: Televising the unruly female athletes of contemporary roller derby. **Feminist Media Studies**, v. 11, n.3, p. 283-301, 2011.

MANN, Susan Archer; HUFFMAN, Douglas J. The decentering of second wave feminism and the rise of the third wave. **Science & Society**, v.69, n.1, p. 56–91, 2005.

MESSNER, Michael. **Out of play: critical essays on gender and sport.** Albany: State University of New York Press, 2007.

PACHECO, Leonardo Turchi. Lugar de mulher... é no Rugby: notas sobre relações de gênero e corporeidade no interior de Minas Gerais. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014, p. 1-13.

PARKINS, Wendy. Bad girls, bad reputations: feminist ethics and postfeminism. **Australian Feminist Studies**, v.14, n.30, p.377– 386, 1999.

POMERANTZ, Shauna; CURRIE, Dawn H; KELLY, Deirdre M. Sk8er girls: skateboarders, girlhood and feminism in motion. **Women's studies international forum**, v.27, n.5, p. 547-557, 2004.

PRESTON, Cheryl B. Baby Spice: Lost between feminine and feminist. **Journal of Gender, Social Policy & the Law**, v.9, n.3, p.541– 619, 2001.

RAPPING, Elayne. You've come which way, baby? The road that leads from June Cleaver to Ally McBeal looks a lot like a U-turn. **Women's Review of Books**, v.17, n.10/11, p.20–23, 2000.

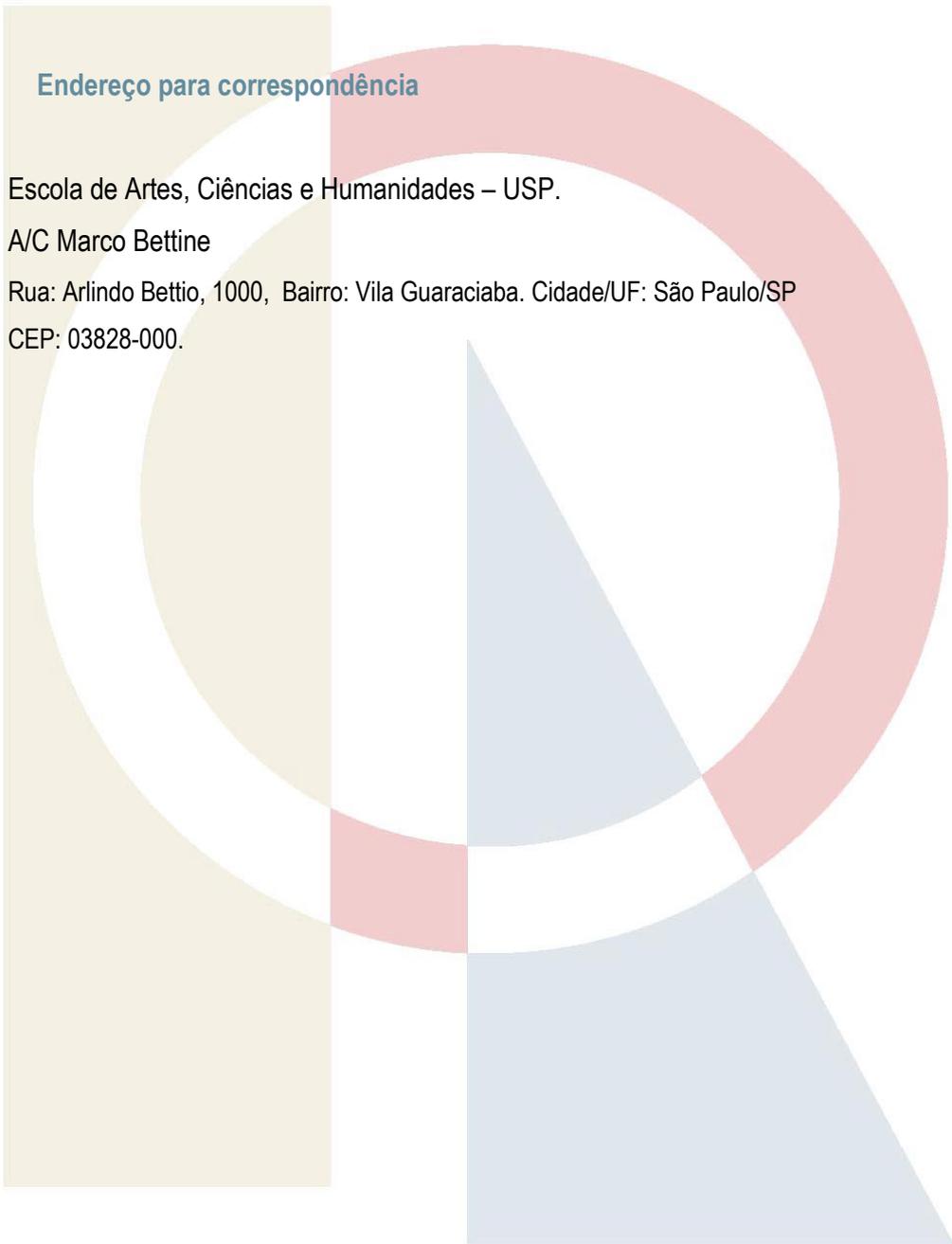
SAOUTER, Anne. A mamãe e a prostituta Os homens, as mulheres e o rugby. **Movimento**, v.9, n.2, p.37-52, maio/agosto, 2003.

SCRATON, Sheila *et al.* It's still a man's game? The experiences of top-level European women footballers. **International review for the sociology of sport**, v.34, n.2, p.99-111, 1999.

THORPE, Holly. Foucault, technologies of self, and the media: discourses of femininity in snowboarding culture. **Journal of sport and social issues**, v.32, n.2, p.199-229, 2008.

WHEATLEY, Elizabeth. **Subcultural subversions**: comparing discourses on sexuality in men's and women's rugby songs Illinois: Human Kinetics, 1994. p.193- 212.

WRIGHT, Jan; CLARKE, Gill. Sport, the media and the construction of compulsory heterosexuality: a case study of women's rugby union. **International review for the sociology of sport**, v.34, n.3, p.227-243, 1999.



**Endereço para correspondência**

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP.

A/C Marco Bettine

Rua: Arlindo Bettio, 1000, Bairro: Vila Guaraciaba. Cidade/UF: São Paulo/SP

CEP: 03828-000.

**Recebido em:**

31/10/2017

**Aprovado em:**

03/12/2017